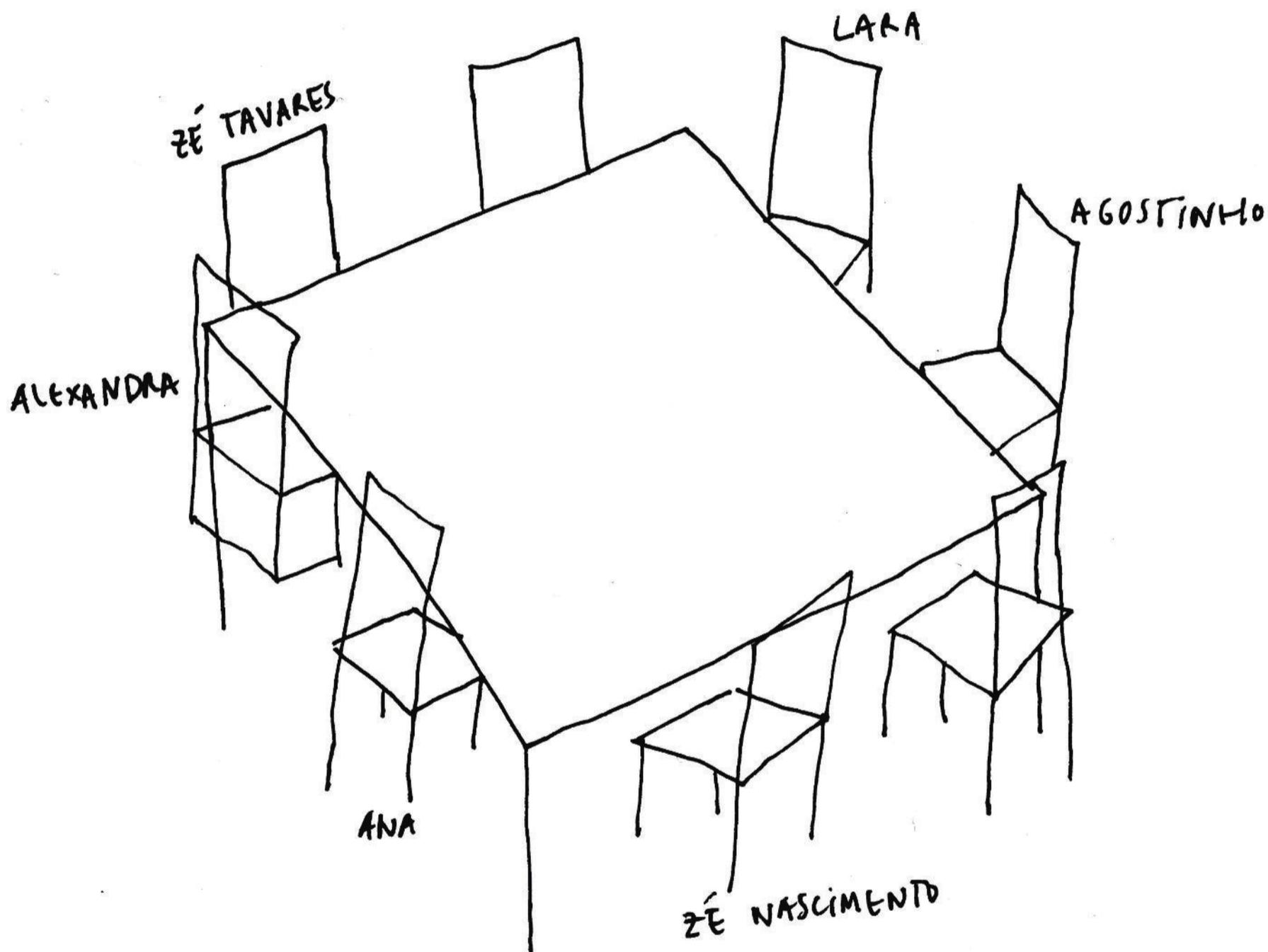


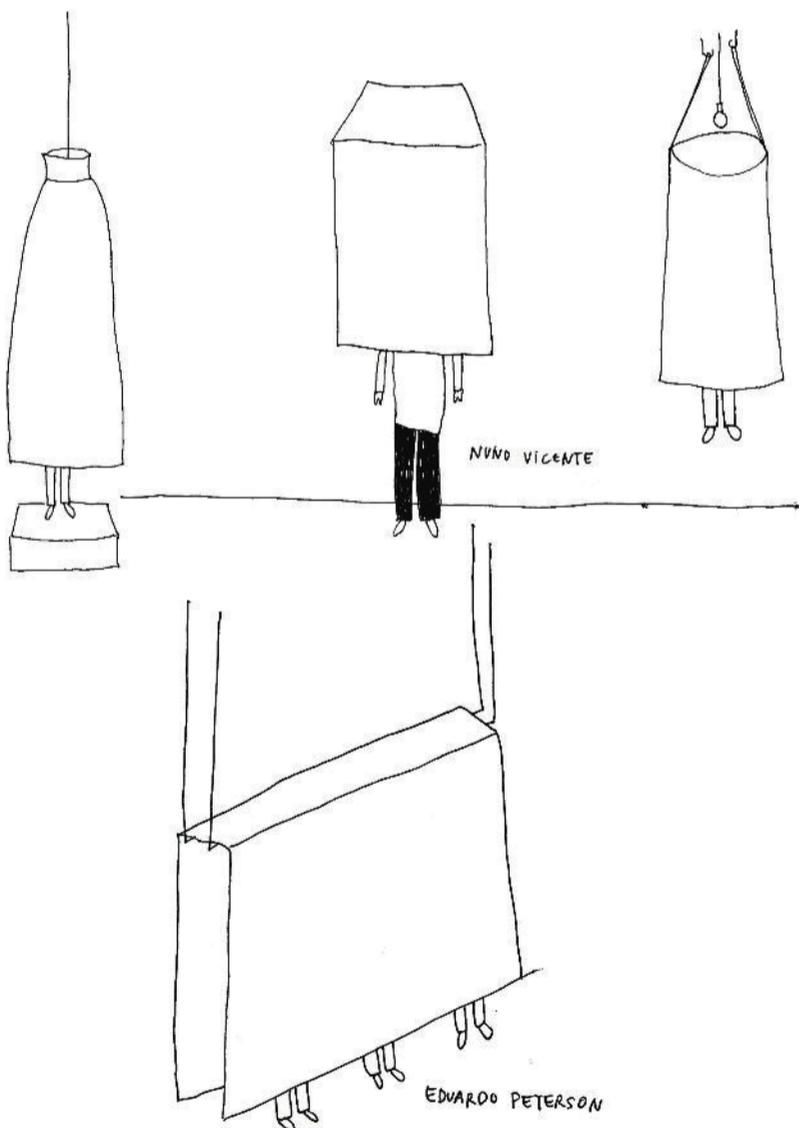
O GABINETE





ESBOÇOS PARA UMA PEÇA DESISTIDA 2015

Ana Pissarra | Lara Portela



MAURITÂNIA

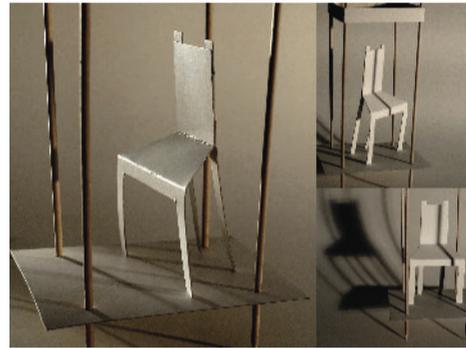
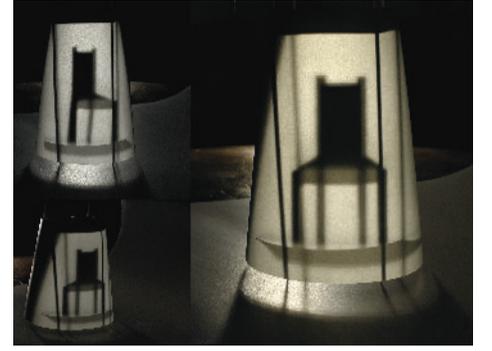
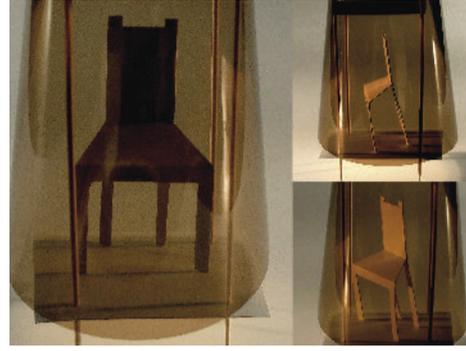
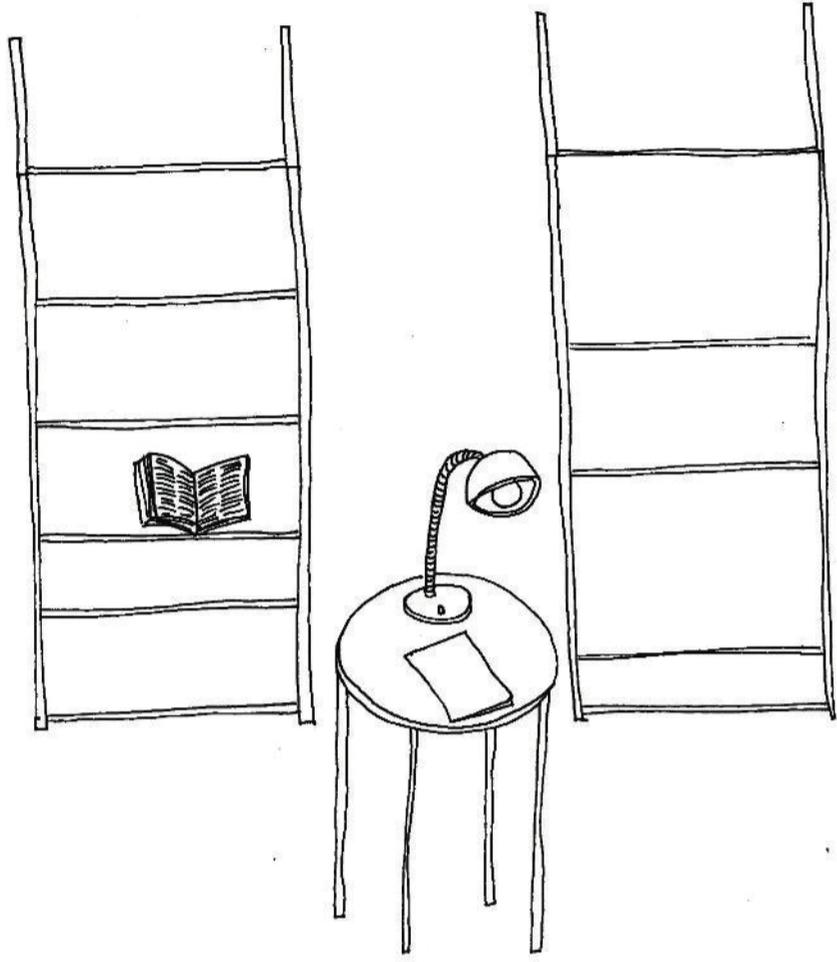
Na Mauritânia é costume as pessoas estarem deitadas. Elas chegam a casa de alguém e nem ficam de pé, nem se sentam, elas deitam-se.

Certa vez, uma mulher mauritana visitou a Europa e foi a uma festa.

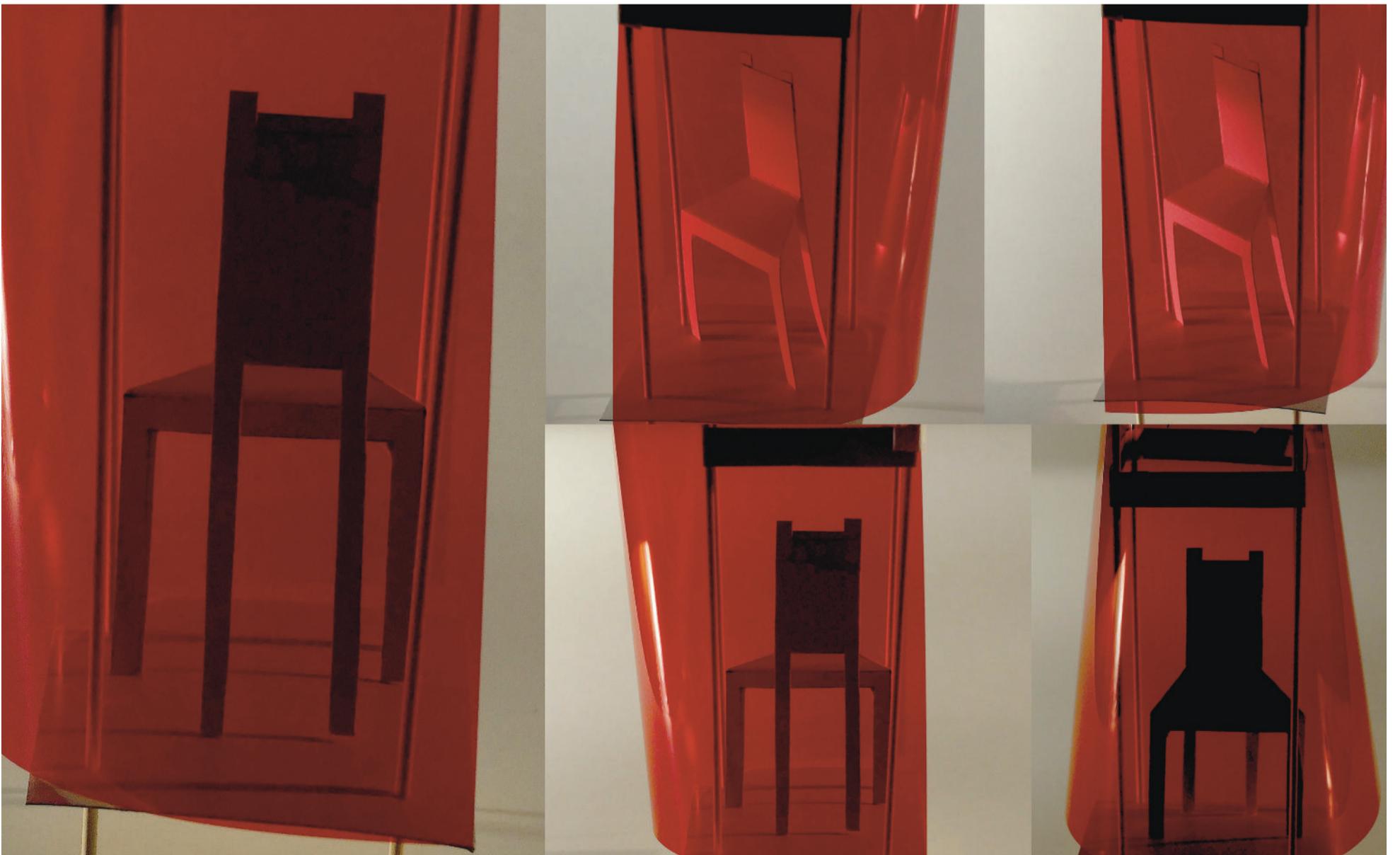
Na Europa é costume as pessoas estarem de pé, ou sentadas, mas nunca deitadas.

Essa mulher, quando regressou a casa, contou que na festa estiveram todos de pé, durante muitas horas, e que ela ficou tão absurdamente cansada que pediu uma cadeira para se sentar.

Estar sentada numa cadeira é mais próximo de estar deitada do que estar de pé.



CADEIRA





O GABINETE E A CÂMARA ESCURA

A história da fotografia está repleta de casos de cooperação, partilha, traição, suicídio e loucura. Inventada nos alvares duma era de revolução industrial, os grandes desenvolvimentos e avanços na técnica, química e óptica fotográficas foram alvo de disputas científicas internacionais, tendo por base o lucro comercial e a sua internacionalização. Faceta menos pródiga da sua história e quase sempre ignorada. Vem este lembrar da fotografia no fio da navalha, a propósito da exposição O Gabinete, que reúne seis propostas de trabalho que recuperam algumas das premissas técnicas históricas da fotografia e enfrenta os demónios do espaço da criação.

Não se trata de nostalgia tecnológica, mas o ponto de partida desta exposição nasceu da possibilidade de voltar à câmara escura da fotografia, como espaço de partilha e de retoma do seu encantamento químico.

Quatro das seis propostas tiveram como veio de produção este retorno ao mundo químico de fazer imagens. Neste retorno algo parece evidente, que a possibilidade do erro pode instalar-se de novo num processo criativo fotográfico, algo que o digital veio praticamente erradicar. Foi nesta possibilidade do erro, na múltipla

dimensão de partilha do saber, que alguns destes trabalhos foram elaborados, nos casos de Alexandra Encarnação, Agostinho Gonçalves, José Nascimento e José Tavares.

O que transforma a câmara escura no espaço histórico de todas as invenções futuras da imagem, e a sua partilha de conhecimento como um resquício último de outra era, face ao imperativo solitário de todas as realidades digitais e potencialmente virtuais. Em Dezembro de 1884 uma das primeiras e mais importantes revistas fotográficas portuguesas, *A Arte Photographica* informava os seus assinantes dos perigos da câmara escura, num artigo intitulado "*Laboratorio do Photographo - Venenos, doses, symptomas característicos, antídotos*". Um extenso rol de perigos de vida desfilavam perante a audácia dos fotógrafos que enfrentavam ácidos venenosos com sintomas excruciantes; a fotografia era então um domínio ainda alquimista, em que a presunção estética tinha de se defrontar com a racionalidade técnica e a variável química.

A câmara escura de hoje tem uma história que a defende dos perigos enunciados, e que a coloca de novo como espaço de partilha e confronto.

Num tempo em que os processos criativos estão tão longe das propostas colectivas, em que a arte enquanto motivação colectiva e social parece quase extinta, aquilo que se apresenta em O Gabinete, é a presença do comum na sua inmensurável diferença. O Gabinete, apresenta trabalhos que retratam o espaço individual de criação, como é o caso de José Tavares, reiterando a sua dimensão onírica, detendo-se naquilo que o sensibiliza. Já Alexandra Encarnação, amplia a faceta biográfica do espaço do autor, da sua qualidade de mundo particular, perfeito na sua imperfeição, para um questionamento mais amplo sobre o sentido histórico da memória da obra e do autor, do seu confronto e da sua irracionalidade. José Nascimento reitera a evidência fantasmagórica da fotografia enquanto objecto de representação do "eu", com retratos improváveis, de sombras e carne, evidências e desvanecimentos.

Agostinho Gonçalves evidencia a secularidade do género do retrato para nos lembrar da sua volatilidade, da sua circunstância de existência face a uma permanente representação da realidade. Ana Pissarra encena a própria encenação que só a fotografia permite, multiplicando a sua capacidade de prestidigitação, arredando-se da espessura analógica das

imagens para permanecer na sua evanescente matéria digital.

Lara Portela recorre à performance e à encenação do espaço para nos reinterpretar um Gabinete que é também um espaço de confronto ou de encontro.

Um sentido arqueológico e dissecador percorre a exposição O Gabinete, espaço de evocação visual por si só multiplicador de muitos enganos e paralelas realidades. Quando o Gabinete se encontra com a Câmara Escura o resultado é uma proposta contraditória, falível em todas as suas dimensões, ancestralmente enganadora, hipótese de um mundo que ainda admite o erro.

EMÍLIA TAVARES







À Volta dos Quatro Quadrados

2015 Brometo de prata 30 x 30 cm

Agostinho Gonçalves

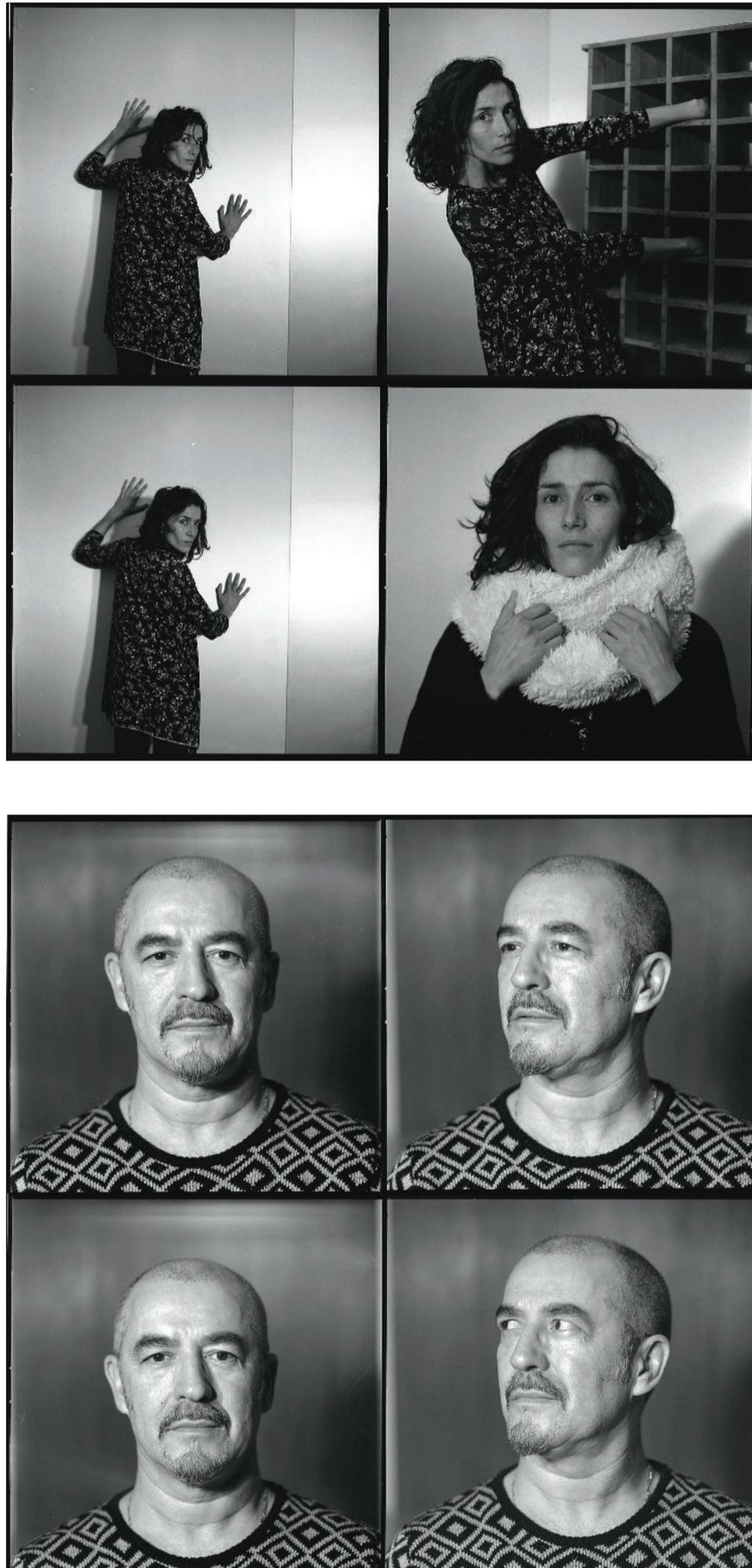


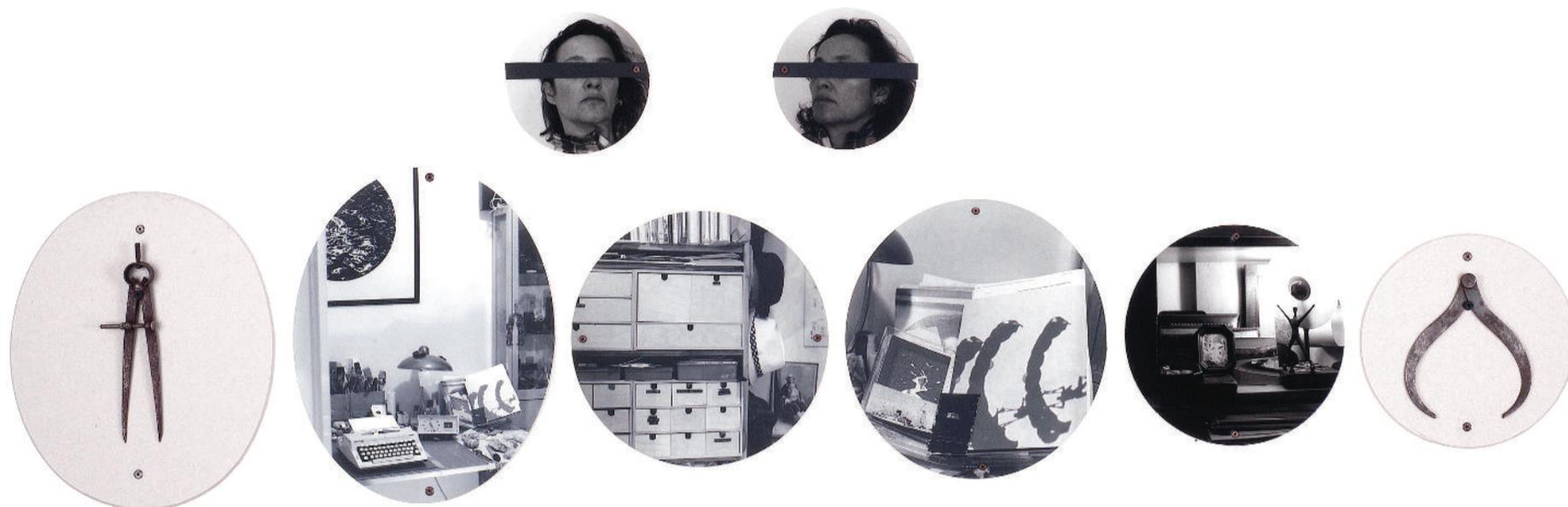
" Agostinho Gonçalves evidencia a secularidade do género do retrato para nos lembrar da sua volatilidade, da sua circunstância de existência face a uma permanente representação da realidade "

Emília Tavares









Eclipse

2015 Gelatina sal de prata colada sobre cartão

Alexandra Encarnação









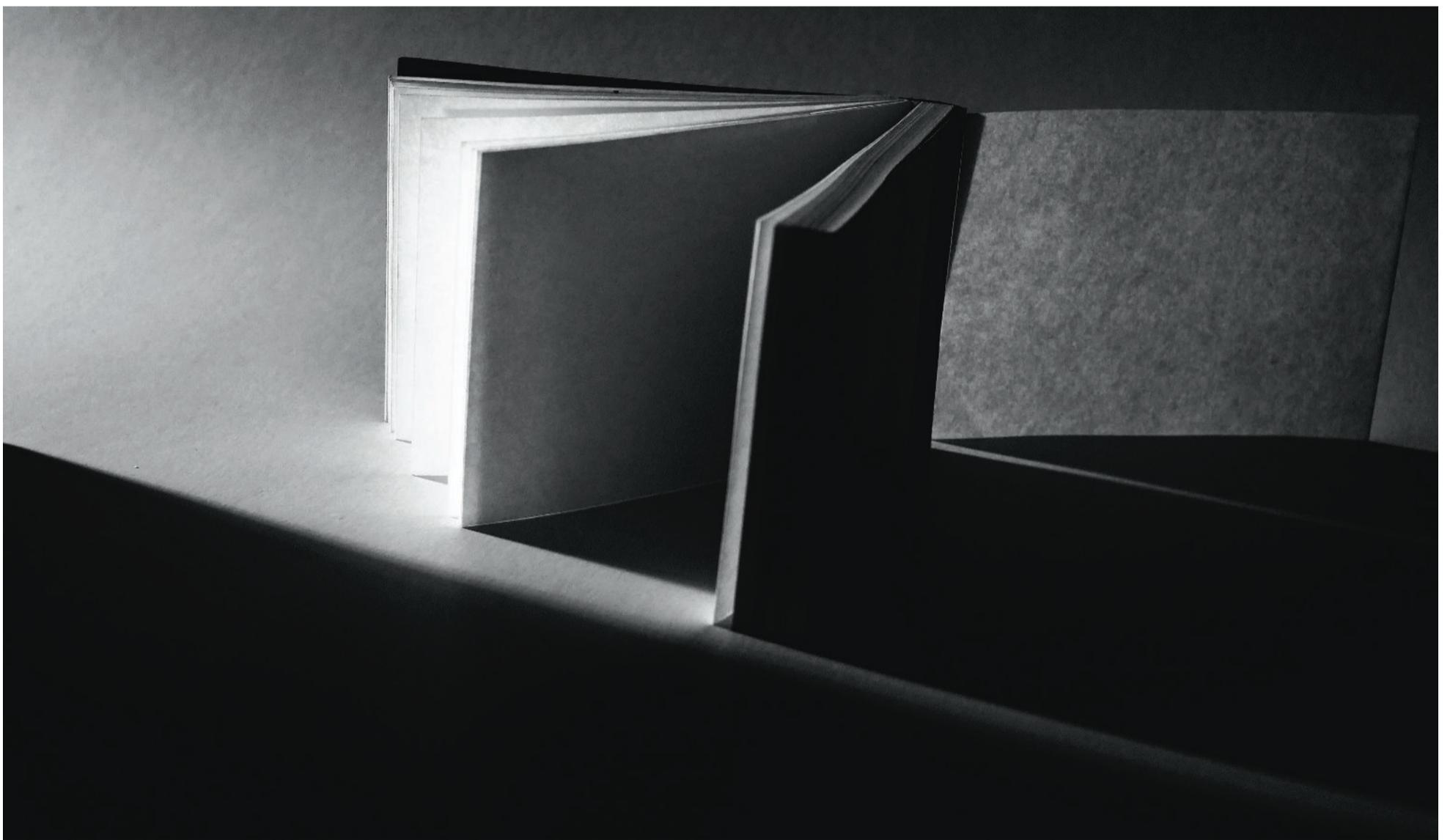


Absque sole, Absque usu

[Sem sol, sem hora]

2015 Impressão em papel fotográfico 17 x 29,5 cm

Ana Pissarra



" Ana Pissarra encena a própria encenação que só a fotografia permite, multiplicando a sua capacidade de prestidigitação, arredando-se da espessura analógica das imagens para permanecer na sua evanescente matéria digital "

Emília Tavares

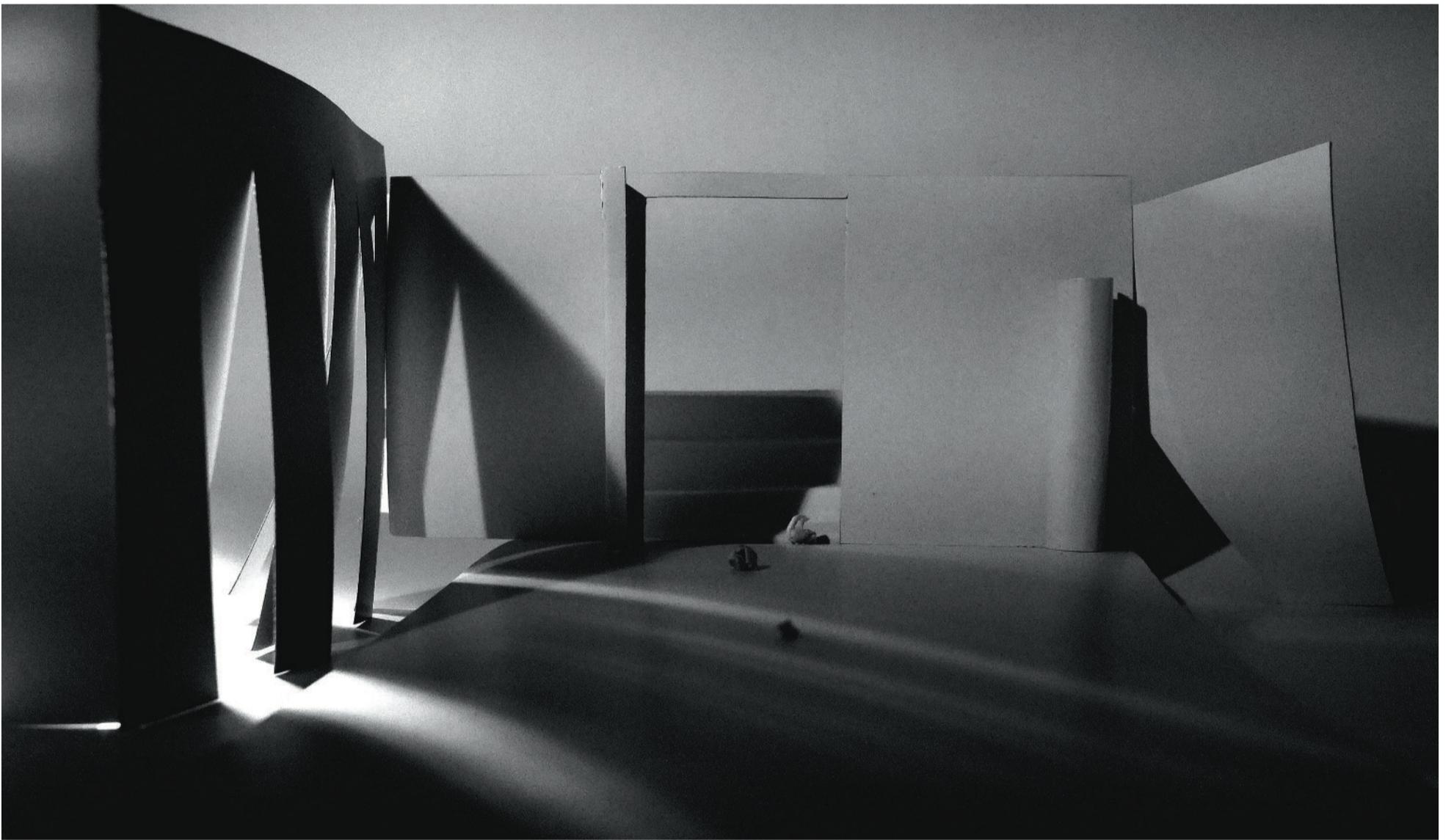


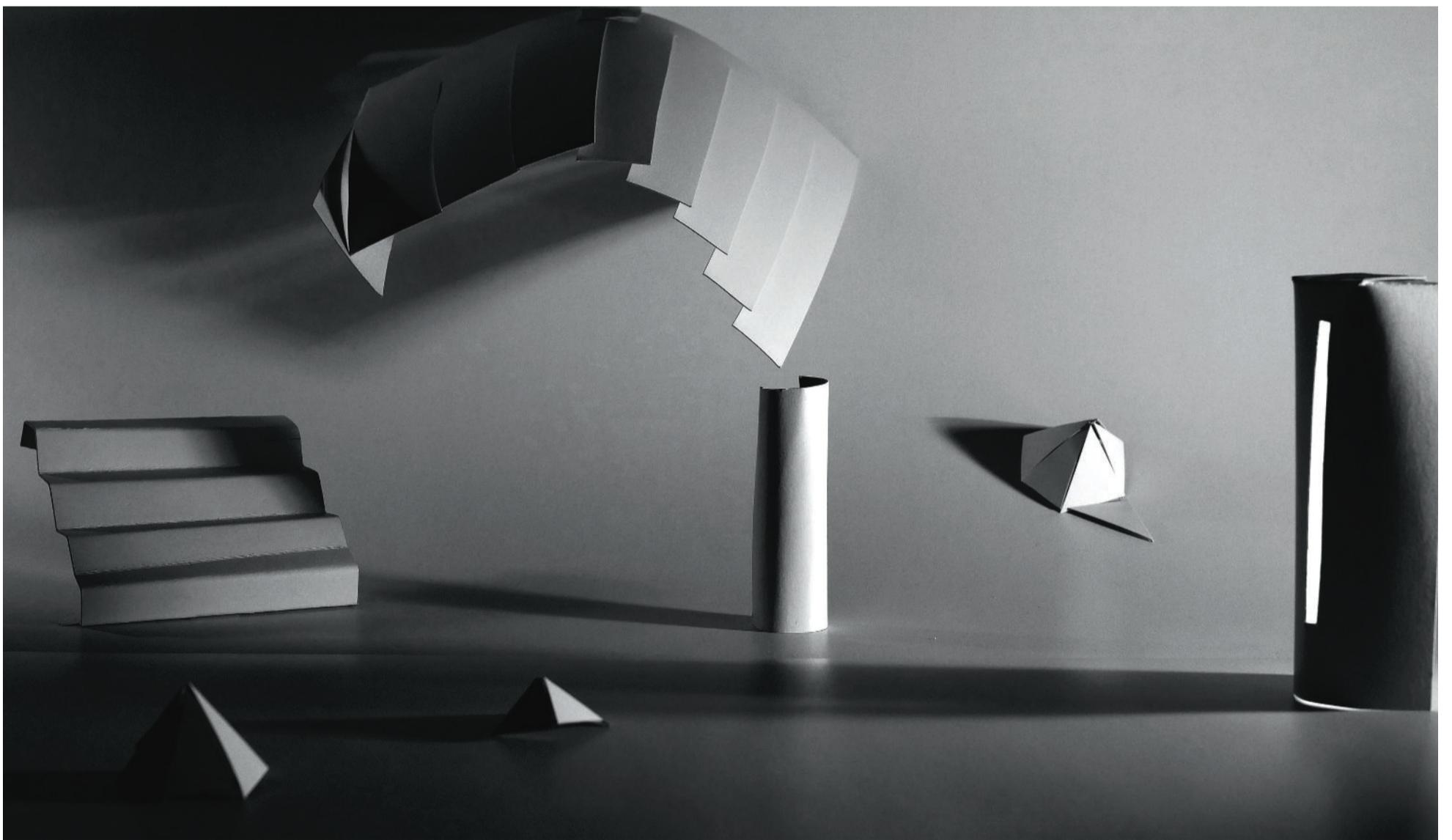


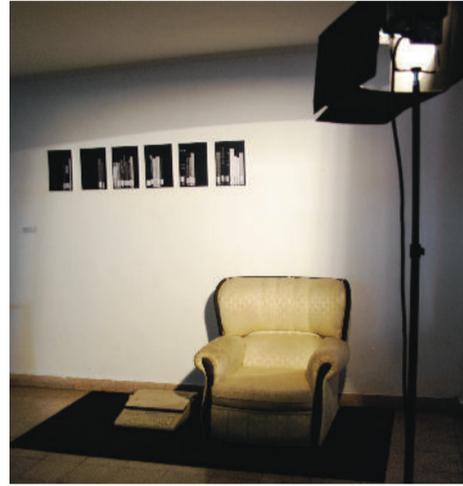
E, como uma suspeita
Há um oásis no incerto
De luz por não - há - frinchas,
Passa uma caravana

Esquece-me de súbito
Como é o espaço, e o tempo
Em vez de horizontal
É vertical

Fernando Pessoa I - Andei léguas de sombra







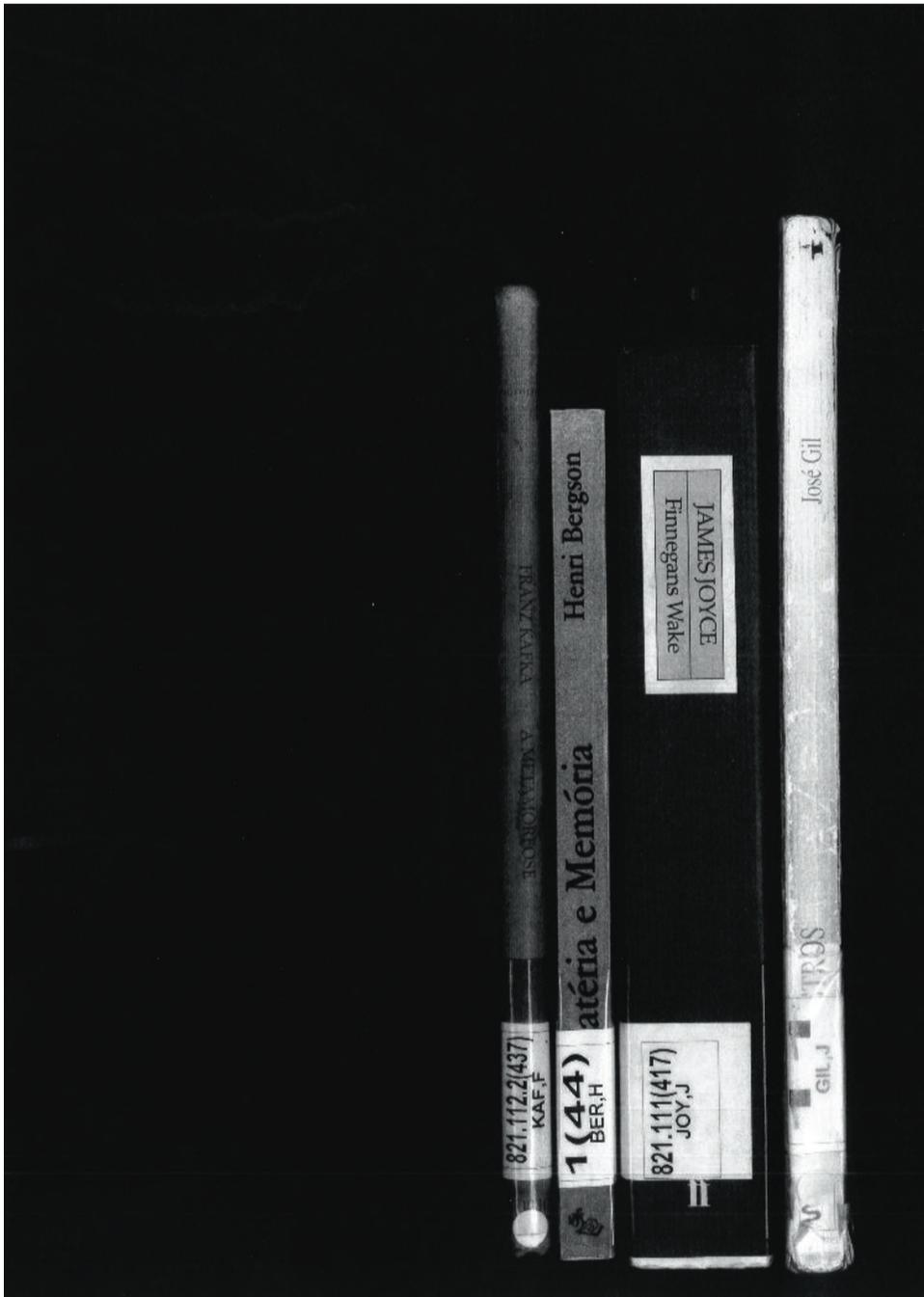
a saleta

2015 [ensaio para performance]

Lara Portela



O projector inspirado no José Nascimento ilumina a parede vazia com recorte incerto. O sofá - encontrado na rua dias antes - em meia penumbra. A máquina de escrever com papel. Uma pilha de papel por escrever e um caderno quadriculado com notas retiradas de livros. Pilha de livros.



Iremos fingir por um instante que não conhecemos nada das teorias da matéria e das teorias do espírito, nada das discussões sobre a realidade ou a idealidade do mundo exterior.

Eis-me portanto em presença de imagens, no sentido mais vago em que se possa tomar essa palavra, imagens percebidas quando abro meus sentidos, despercebidas quando os fecho.

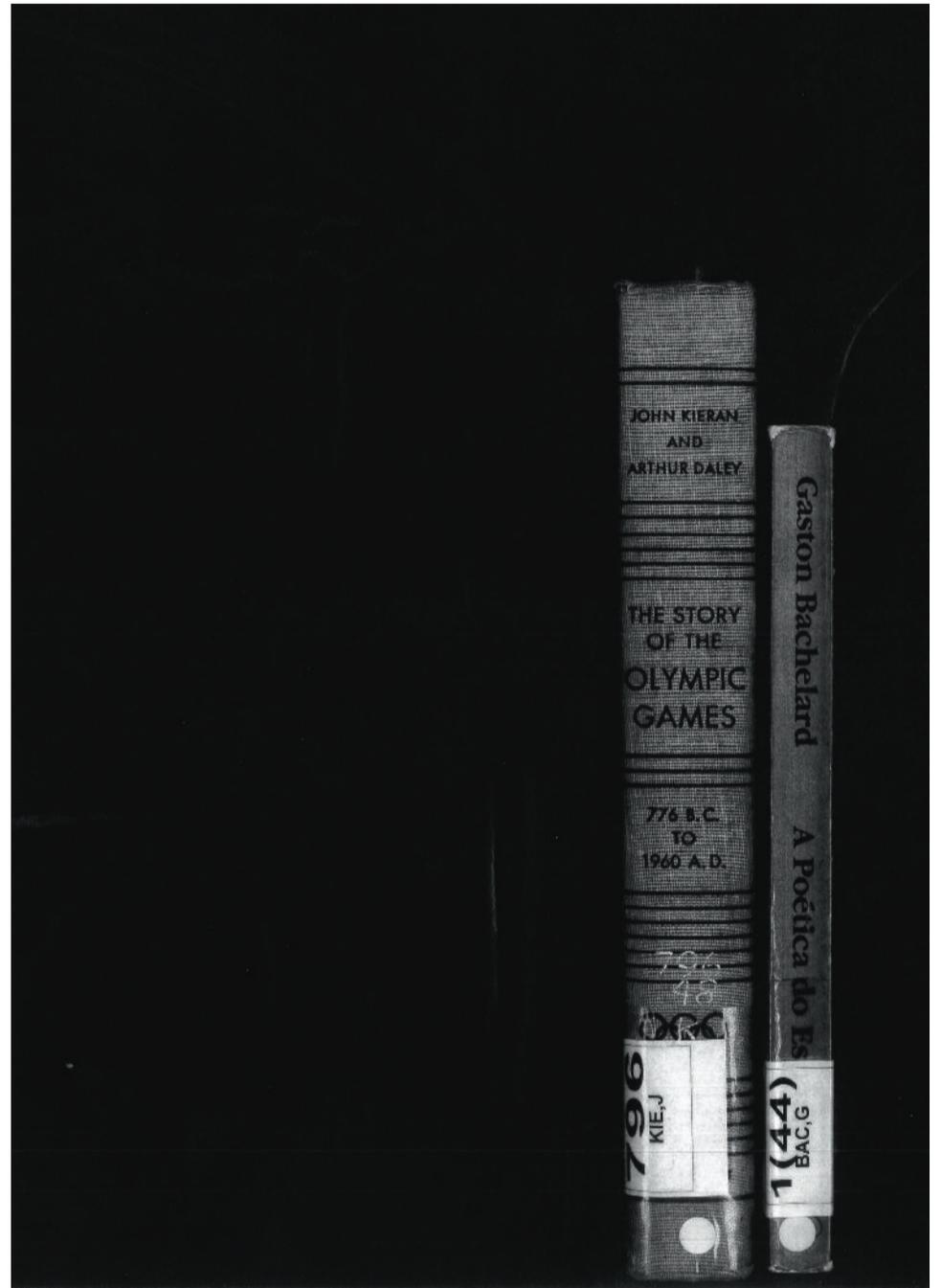
Todas essas imagens agem e reagem umas sobre as outras em todas as suas partes elementares segundo leis constantes, que chamo leis da natureza, e, como a ciência perfeita dessas leis permitiria certamente calcular e prever o que se passará em cada uma de tais imagens, o futuro das imagens deve estar contido em seu presente a elas nada acrescentar de novo.

No entanto há uma que prevalece sobre as demais na medida em que a conheço não apenas de fora, mediante percepções, mas também de dentro, mediante afecções: é meu corpo.

Por todo o atelier pairava o aroma intenso das rosas e quando a branda aragem estival corria por entre as árvores do jardim, entrava pela porta a fragrância carregada do lilás, ou ainda o perfume delicado do espinheiro de floração rósea.

Sentada à secretária inspirada nas imagens do futuro. Vestida na elegante magreza, certa, composta.

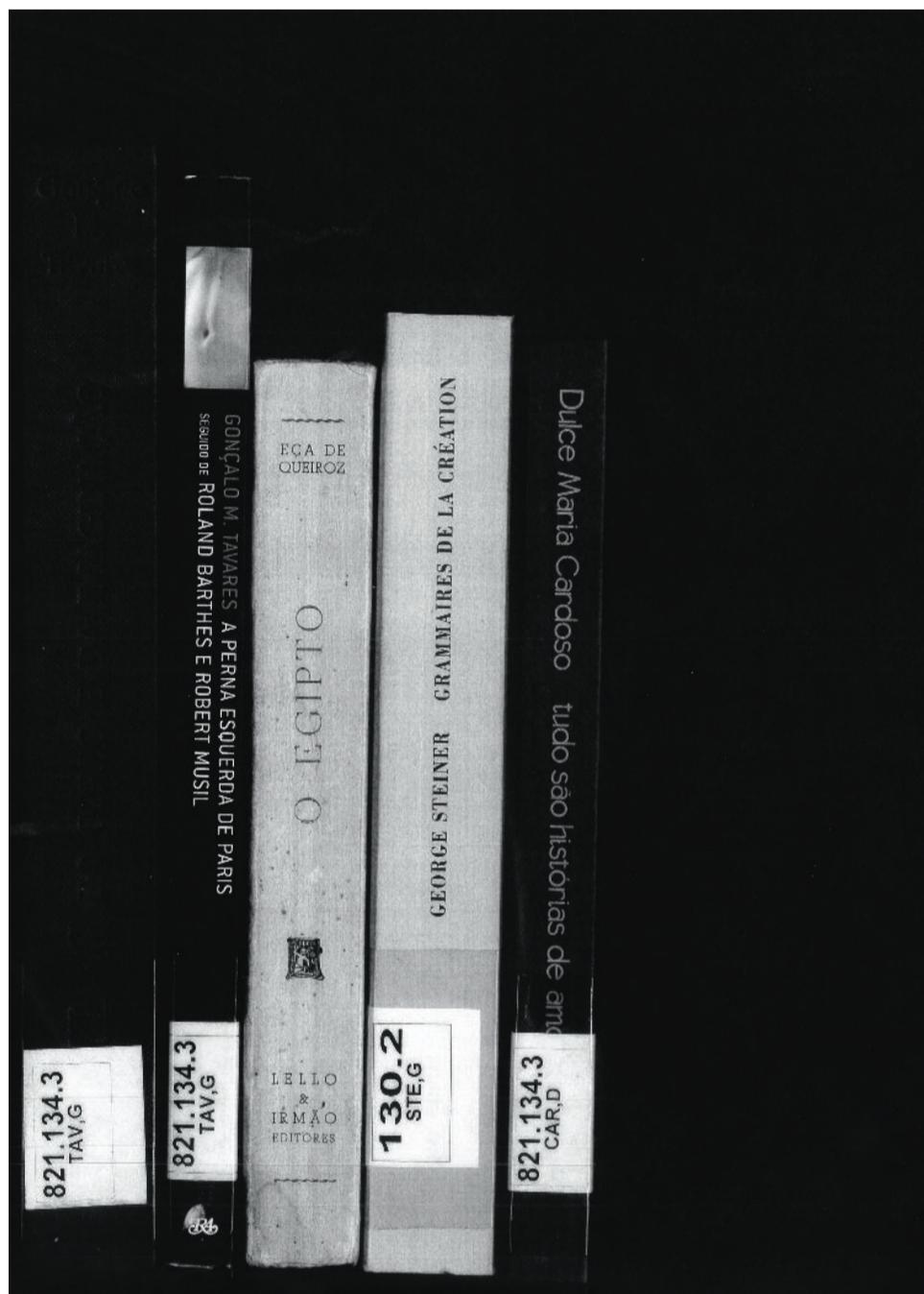
A secretária não se mexia, mas o pensamento não parava. Nunca pára.



Matéria e Memória, Henry Bergson
(em leitura)

VOZ OFF
O retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde

[E.T.]



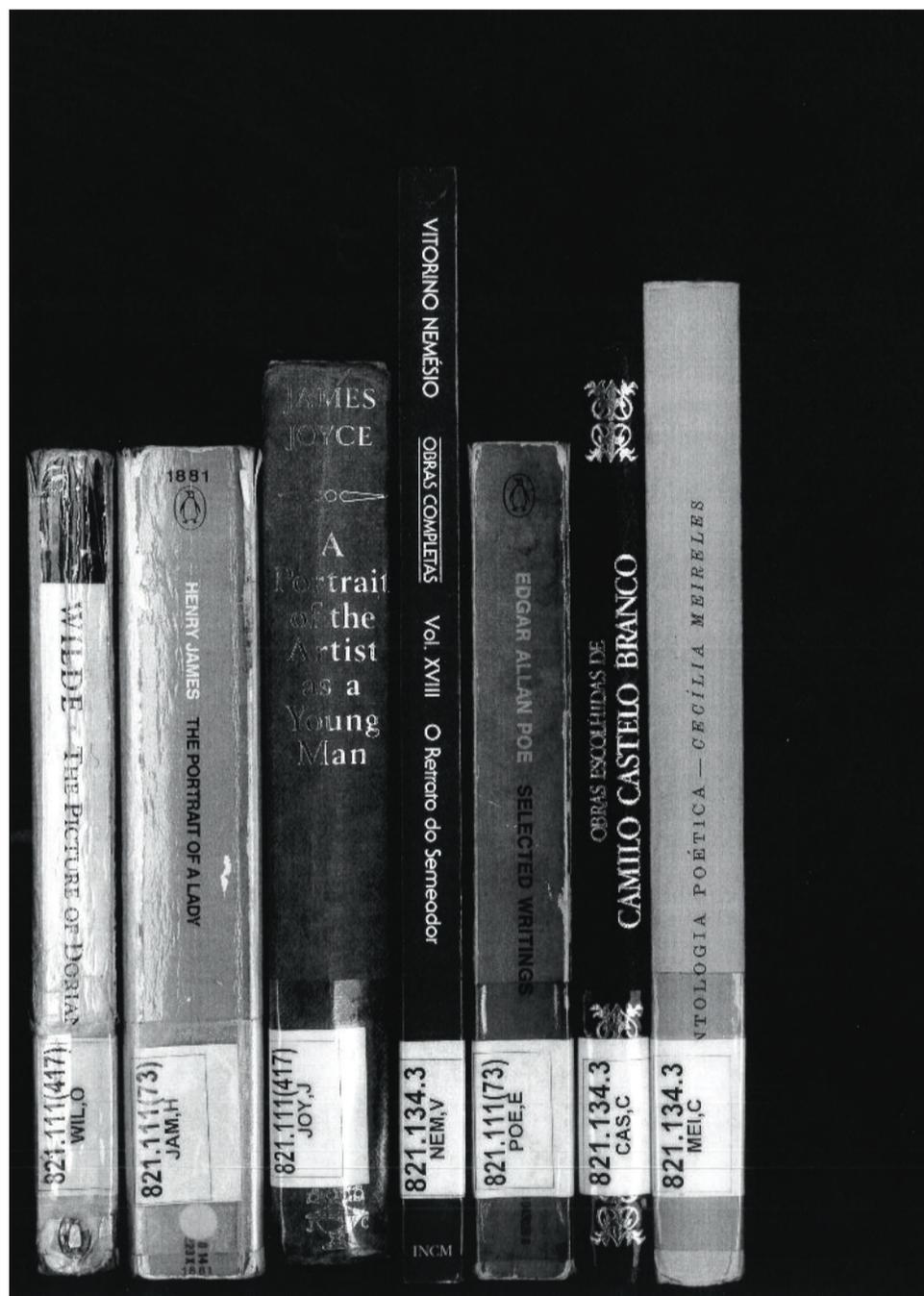
No centro do atelier, afixado a um cavalete vertical, estava o retrato em corpo inteiro de um jovem de beleza invulgar.

Tu e eu nunca fomos parecidas, mas também não éramos opostas.
Poderíamos ter-nos complementado se não se desse o caso de partilharmos o mesmo corpo.
Dispúnhamos apenas de um corpo, este que agora é só meu. Nunca deixámos de guerrear na nossa existência intermitente.

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

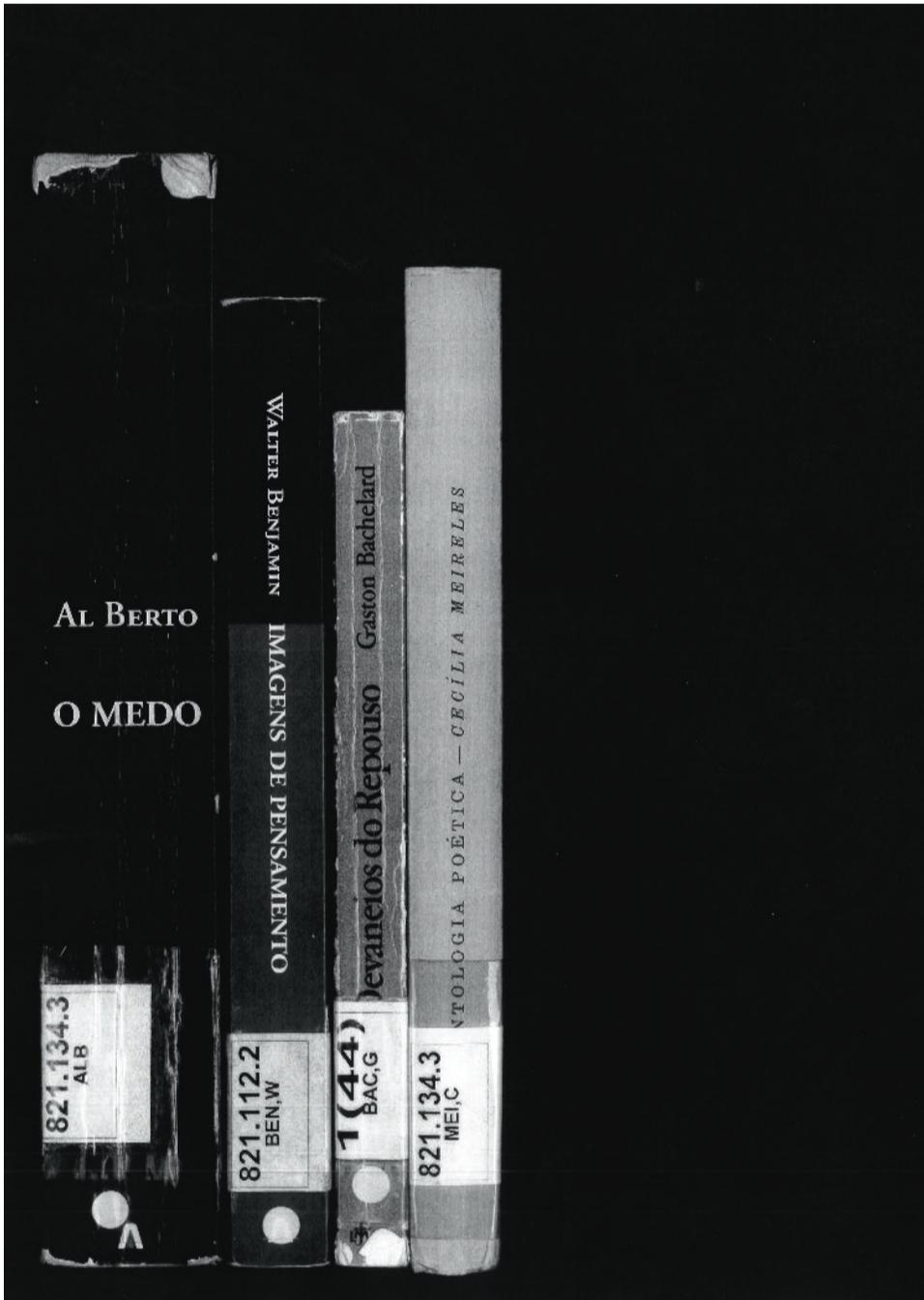
Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?



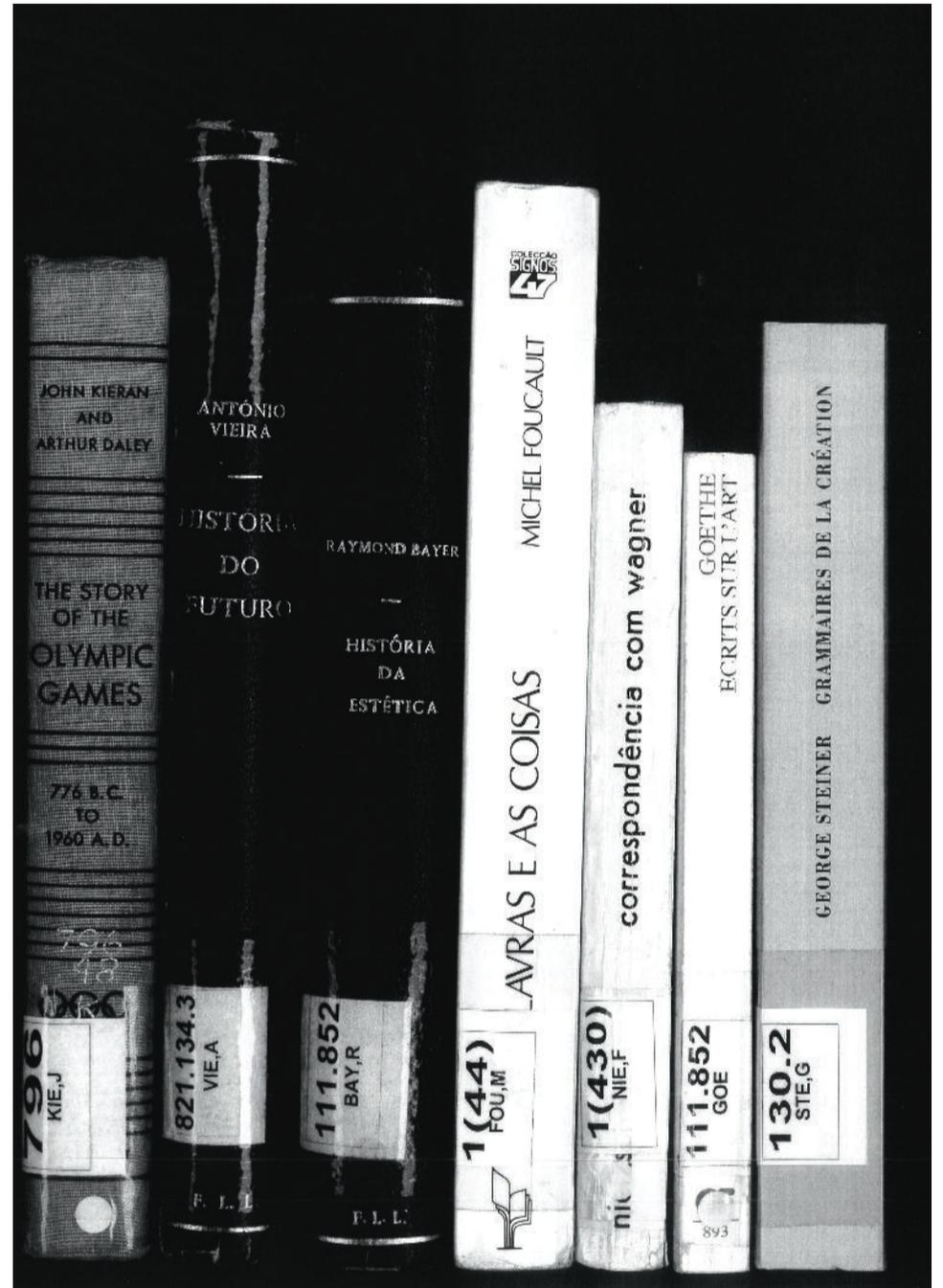
VOZ OFF
O retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde

VOZ OFF
Tudo são histórias de amor, Dulce Maria Cardoso

(em leitura)
retrato de Cecília Meireles



- A fotografia é retrato e paisagem.



[A.G.]

(...)

Um dos mitos mais populares identifica Hércules e Zeus, seu pai como os progenitores dos Jogos. Segundo a lenda, foi Hércules que primeiro chamou os Jogos "Olímpicos" e estabeleceu o costume de explorá-los a cada quatro anos. A lenda persiste que, após Hércules ter completado seus doze trabalhos, ele construiu o estádio Olímpico como uma honra a Zeus.

Após a sua conclusão, ele andou em linha recta 200 passos e chamou a essa distância de estádio (em grego: στάδιον, latim: stadium, "palco"), que mais tarde se tornou uma unidade de distância.

Jogos Olímpicos
(em leitura)

(...)



Virus Influenza B - H1N2

2015 Brometo de prata 24 x 30 cm

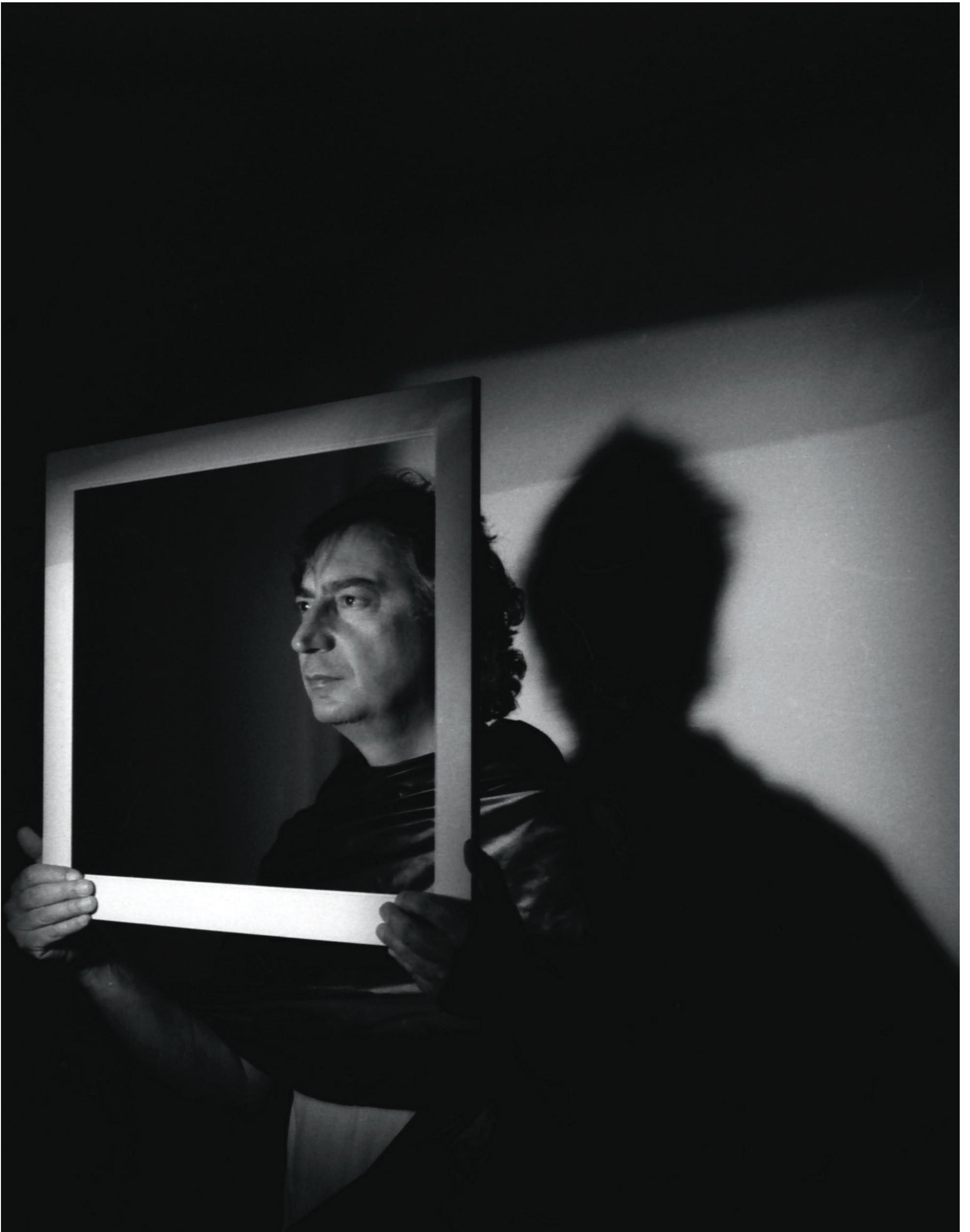
José Nascimento



"José Nascimento reitera a evidência fantasmagórica da fotografia enquanto objecto de representação do "eu", com retratos improváveis, de sombras e carne, evidências e desvanecimentos"

Emília Tavares







MAKING OF





INAUGURAÇÃO



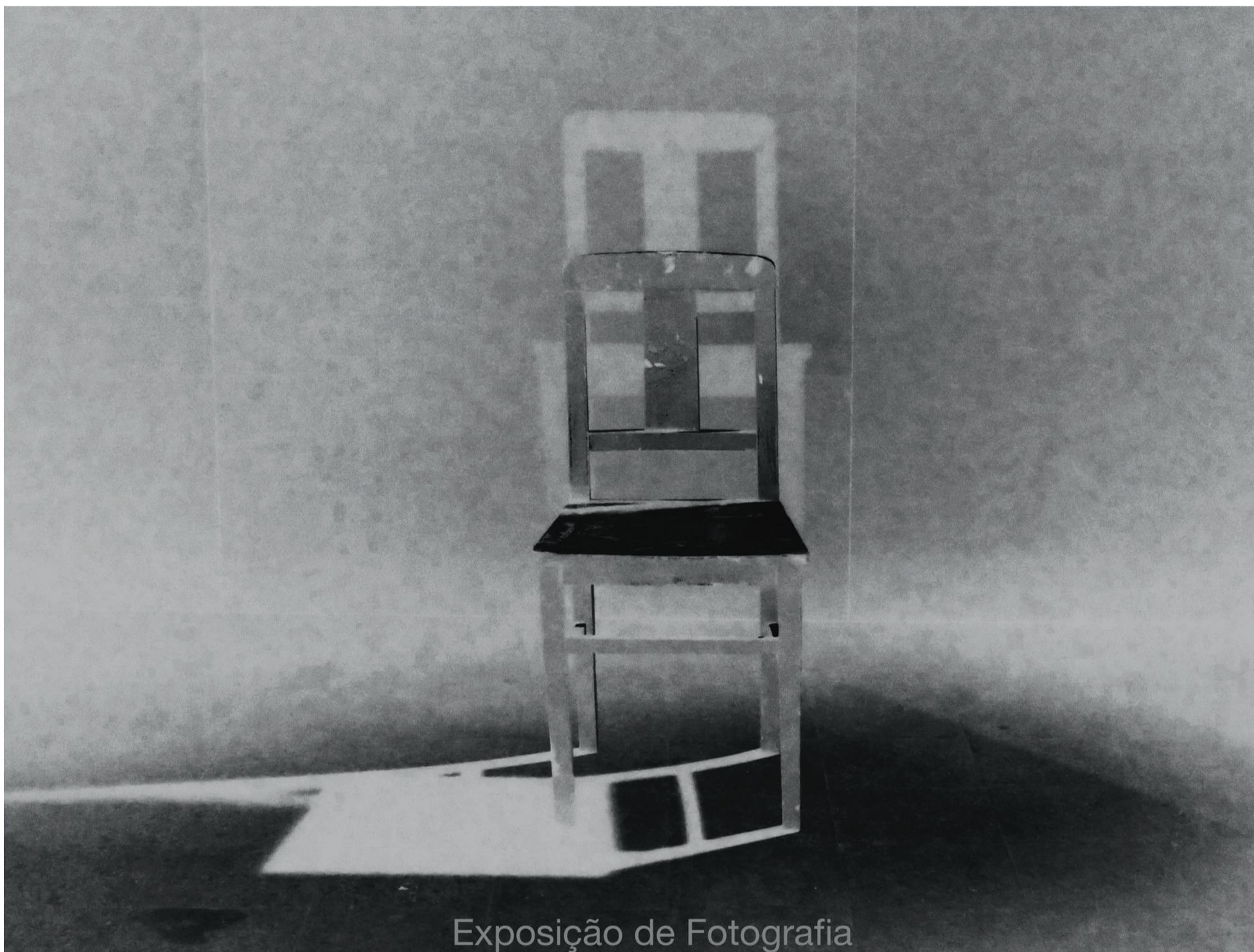
Saulo Araújo
José Carlos Nunes
Tiago Figueiredo
Rafal Kafpizak
Alberto Jorge
Pedro Mota
Nuno Gonçalves
David Salvado
José Almecija



CORO DOS TENORES

Colegas coro lésbico, gay e simpatizante - ILGA

agostinho gonçalves alexandra encarnação ana pissarra emília tavares lara portela josé nascimento



Exposição de Fotografia

O Gabinete

agradecimentos

eduardo guerra saulo aráujo isa ribeiro miguel ferrão marta rema daniel nascimento paula tavares eduardo petersen felipe jardim teatro do vestido margarida martins marlene dias

APOIO:

BLOW UP



22Atelier